GÊNERO, ALFABETIZAÇÃO E DOCÊNCIA: RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID PEDAGOGIA

Dominique dos Santos Alves [1]
Ana Sheila Fernandes Costa[2]

Palavras-chave: Formação docente, PIBID, Alfabetização, Educação pública.

INTRODUÇÃO

O programa institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), criado pelo MEC em 2007, articula teoria e prática para qualificar a formação inicial de professores através da inserção dos licenciados no cotidiano da escola pública. Este relato justifica-se pela necessidade de formar profissionais comprometidos e capazes de superar estereótipos de gênero predominantes na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A valorização da escola pública como espaço de formação inicial e continuada torna-se fundamental nesse processo, uma vez que possibilita a articulação entre os conhecimentos acadêmicos e as experiências vivenciadas no cotidiano escolar. Conforme afirma Paulo Freire, "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1996, p. 24), evidenciando a relação dialógica presente no processo educativo.

As pibidianas inserem-se em um cenário em que a presença feminina na docência já é socialmente consolidada. Entretanto, ainda enfrentam desafios relacionados à valorização profissional e ao reconhecimento do trabalho docente. Nesse sentido, a diversidade de gênero presente no corpo docente contribui para o enriquecimento das práticas pedagógicas, ampliando as possibilidades de troca de experiências, perspectivas e metodologias no ambiente escolar.

Nesse contexto, o presente trabalho aborda a experiência do subprojeto PIBID Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), tendo como objetivos: compreender a importância da práxis pedagógica, debater os desafios da alfabetização, evidenciar a relevância do programa na constituição da identidade docente e discutir a presença e o impacto da docência masculina nessa etapa de ensino.

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, Brasília/DF, Brasil.
[2] Professora da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília - UnB, Brasília/DF, Brasil.

O referencial teórico fundamenta o trabalho a partir de três eixos centrais interligados: os processos de alfabetização nos anos iniciais; as questões de gênero na docência, com foco nos desafios da presença masculina e nos estereótipos escolares; e a concepção de educação emancipatória. Assim, articula-se teoria acadêmica à prática pedagógica para promover uma formação inicial crítica, reflexiva e comprometida com a transformação social.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de cunho observatório e qualitativo, complementado por pesquisa bibliográfica. As atividades foram desenvolvidas nas escolas, por meio do subprojeto PIBID Pedagogia iniciado em janeiro de 2025 (em andamento, com base na vivência de 24 bolsistas.

O percurso metodológico estruturou-se em dois eixos: **Prática Escolar:** Inserção direta na rotina da escola (duas vezes por semana), acompanhamento do cotidiano de crianças e professores e vivenciando as práticas pedagógicas. **Formação Teórico e Partilha:** Reuniões quinzenais formativas do subprojeto para debate de texto norteadores - como Gasparin (2012) (Pedagogia Histórico-Crítica), O Currículo em Movimento do DF (2018) e a BNCC (2017) -, além de momentos dedicados à socialização de relatos de experiência e reflexão crítica sobre a práxis docente.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O texto articula as bases da alfabetização sob três perspectivas complementares. Primeiramente, Magda Soares (1998) diferencia alfabetização e letramento como processos distintos, porém indissociáveis, defendendo que a escola deve unir o domínio técnico da escrita à sua função social. Em seguida, Paulo Freire (1996) concebe a alfabetização como um ato político, afetivo e emancipatório, estruturado na união entre teoria e prática. Por fim, Costa Júnior et al. (2023) complementam essa visão ao destacar que ambientes de aprendizagem positivos e acolhedores são indispensáveis para garantir o desenvolvimento integral, a autoestima e o engajamento das crianças nesse ciclo. A fundamentação teórico articula-se a partir da compreensão de que a educação medeia a reprodução de papéis sociais, o que justifica a história feminização do magistério nos anos iniciais e na educação infantil, frequentemente associada a atributos de cuidado e afeto (Saviani, 1997; Kuhlmann Júnior, 2007; Costa 2006; Vianna; Ridetti, 1998). Embora o arcabouço legal brasileiro garanta a igualdade profissional, normas sociais ainda reforçam estereótipos de gênero no cotidiano escolar (MEC,2015). Nesse cenário, a prática pedagógica do ciclo de alfabetização deve indissociar o domínio técnico da escrita da sua função social e prática (Soares, 1998), constituindo-se como um ato político, afetivo e emancipatório (Freire, 1996). Por fim, o sucesso desse processo depende da construção de ambientes de aprendizagem positivos e acolhedores, fundamentais para promover a autoestima, o engajamento e o desenvolvimento integral das crianças (Costa Júnior et al., 2023).

A vivência no PIBID permitiu compreender que a alfabetização é um processo que exige sensibilidade, intencionalidade e compromisso com o desenvolvimento integral de cada criança. Mais do que ensinar a ler e escrever, alfabetizar é um ato político e afetivo, que deve considerar as realidades dos alunos, seus saberes, emoções e contextos. Em meio a tantos desafios, o papel do pedagogo(a) se reafirma como essencial na construção de uma escola pública mais justa, humana e emancipadora.

A docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é historicamente marcada pela predominância feminina. Esse fenômeno não é casual, mas sim o resultado de construções sociais, culturais e econômicas que vincularam a educação escolar a uma extensão do papel materno e do trabalho doméstico. Atributos como sensibilidade, afeto e disposição para o cuidado foram associados à mulher, tornando a docência uma profissão socialmente vista como "acessível" e facilitando o ingresso femenino no mercado de trabalho, embora sob a ótica da vocação e não da profissionalização. A vivência dos bolsistas do PIBID nas escolas confirmou que a expectativa social da professora como figura exclusiva de cuidado ainda é fortemente enraizada entre alunos, famílias e o próprio corpo docente. A divisão do trabalho na instituição reflete essa barreira invisível: **A Docência Masculina:** Dos professores homens nas escolas, a maioria concentra-se nas turmas finais (4º e 5º ano). Poucos atuam no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), gerando curiosidade e estranhamento na comunidade, mas também abrindo espaço para quebrar estereótipos e ampliar as referências de gênero para as crianças. **A Docência Feminina:** As pibidianas inserem-se em um ambiente onde sua presença é socialmente aceita, porém herdam os desafios históricos da falta de valorização e do reconhecimento estritamente profissional do seu trabalho.

A vivência demonstrou que a presença de diferentes gêneros (Homens e Mulheres) dividindo o espaço da docência e da alfabetização enriquece as práticas pedagógicas dos pibidianos, desafia a rigidez dos papéis tradicionais e contribui para construção de um ambiente escolar mais plural.

Os bolsistas acompanharam professores homens lidando com questões da pré-adolescência. A carência afetiva de alguns alunos, que buscavam contato físico, exigiu dos pibidianos uma postura ética e profissional rigorosa. Conforme Leão (2015), o professor homem muitas vezes assume o papel de referência paterna e modelo positivo, especialmente para os meninos, por meio da escuta sensível e do afeto. Ao acompanhar professoras, os pibidianos homens enfrentaram o desafio de conciliar o acolhimento com limites claros. Enquanto a professora exercia o carinho físico livremente, os bolsistas homens adotaram uma postura de cautela e certo afastamento para evitar interpretações indevidas, aceitando abraços apenas de forma espontânea. Essa vivência mostrou que o acolhimento essencial à criança pode ser oferecido de formas diversas, superando estereótipos.

A diversidade no corpo docente enriquece a mediação pedagógica e a resolução de conflitos. Ao verem homens exercendo o trabalho afetivo e educativo, meninos e meninas ampliam sua visão sobre os papéis sociais e profissionais (Sayão, 2005). Em síntese, a presença masculina nos anos iniciais promove uma escola mais inclusiva e plural que, alinhada ao pensamento de

Paulo Freire (1996), constrói uma prática pedagógica dialógica, libertadora e superadora de preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PIBID transcende a grade curricular universitária ao oferecer um contato profundo com o cotidiano escolar. A produção deste artigo e a socialização dessas experiências variadas funcionam como um recurso valioso para outros licenciandos. Ao expor debates sobre a feminização do magistério, a superlotação nas salas de alfabetização e a presença masculina na docência, o trabalho oferece subsídios reais para que futuros professores enfrentam suas próprias jornadas. Essa troca de saberes, embasada na realidade prática, fortalece a formação docente e a alinha às demandas de uma educação pública universal, justa, humana e emancipadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. BRASIL. Nota Técnica nº 24/2015. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Nota Técnica nº 24/2015. https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf

CONNELL, R. W. Masculinities. Berkeley: University of California Press, 1995.

COSTA, Maria Auxiliadora. Educar e cuidar: uma tarefa de gênero? Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Costa Júnior, J. F., Moraes, L. S. ., de Souza, M. M. N. ., Lopes, L. C. L. ., Meneses, A. R. ., Pontes Pinto, A. R. de A., dos Santos, L. S. R. ., & Zocolotto, A. . (2023). A importância de um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz para os alunos. Rebena - Revista Brasileira De Ensino E Aprendizagem, 6, 324–341. Recuperado de https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/116

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 1989 São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Questões da Nossa Época; 22).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para uma pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

LEÃO, Guilherme Inácio Marques. A importância do docente do gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental. UnB, Brasília, DF. p. 82-90, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEC. (2007). Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Disponível em:https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacaobasica/pibid. Acesso em: 25 jun. 2025.

SAYÃO, D. T. Masculinidades e educação infantil: gênero, profissão e docência. Educação & Sociedade, v. 26, n. 91, p. 443-465, 2005.

SILVA, Márcio de Oliveira. Ser homem e professor de crianças: estigmas e desafios de uma profissão marcada pelo feminino.

SOARES, Letramento: tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VIANNA, Cláudia Pereira; RIDETTI, M. S. Educação Infantil: gênero e cidadania. São Paulo: Cortez, 1998.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. História da Educação Infantil no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007.